

Vida cotidiana e microtransições: narrativas pedagógicas das escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI, organizado por Paulo Fochi

RESENHA POR

Elza Luiza Villalva Barbosa

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5338-1458>

Nádia Conceição Lauriti

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7354-2914>



Estudos no coletivo que reverberaram a transformação da prática cotidiana

A obra *Vida cotidiana e microtransições: narrativas pedagógicas das escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI*, organizada por Paulo Fochi, apresenta ao leitor uma introdução e um capítulo inicial de caráter conceitual e estruturante, seguidos de mais quatro capítulos que narram os percursos de estudos, reflexões e transformações em escolas das infâncias que são acompanhadas pelo observatório.

A obra interessa a todos os educadores da primeira infância que têm buscado ressignificar sua prática com as crianças, rompendo com uma perspectiva de educação transmissiva e garantindo o direito de aprendizado das crianças, com uma organização de trabalho que faça mais sentido no universo infantil.

Na introdução, intitulada: *Por uma escola honesta e generosa com as crianças: apresentação da terceira obra do OBECI*, Fochi nos conta o percurso formativo

e a gestação desse projeto que durou cerca de nove anos, de 2015 a 2023, para ser produzido e publicado, o que nos leva a refletir sobre o tempo que é necessário para maturar uma transformação significativa que consolide aspectos de mudança em ambientes escolares, já que transformações não ocorrem abruptamente; elas demandam tempo, empenho e muito envolvimento coletivo. Ainda na introdução, o pesquisador das infâncias explica como se deu a organização dos processos de formação com as educadoras. Elas participaram de momentos coletivos de estudo e planejaram ações em suas escolas, culminando na produção do presente material. Cada grupo de docentes ficou responsável por escrever um capítulo do livro.

Vale destacar que o termo cunhado pelo autor, *microtransição*, refere-se às transições de uma situação para outra que ocorrem na rotina cotidiana das escolas. O conceito foi inspirado no livro de João Formosinho, Graciete Monge e Júlia Oliveira-Formosinho, que aborda as “grandes transições” nos ambientes escolares, como a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental ou a transição do ambiente familiar para a escola. Essas transições, de caráter verticalizado, ocorrem independentemente da vontade ou participação das crianças. Por sua vez, as *microtransições* remetem a uma relação horizontal, com foco minucioso em situações reais que podem ser aprimoradas para respeitar o tempo e o ritmo das crianças no cotidiano escolar. Esse tema, ainda pouco explorado em pesquisas brasileiras, foi gradativamente consolidado nos estudos do OBECI, dando forma a esse conceito.

No primeiro capítulo, *Vida cotidiana e Microtransições*, Fochi apresenta como todo o trabalho com as escolas foi se constituindo e ressalta a importância de olhar para essas pequenas transições, que anteriormente não eram pensadas enquanto ações educativas, para que as escolas elegeassem qual seria o ponto para se debruçar e transformar a sua prática. Vale ressaltar que escolher um aspecto de análise por vez garantiu que o foco de atuação para este projeto fosse assertivo, pois, se olhassem para tudo ao mesmo tempo, não seria possível a transformação, visto que são inúmeras as situações que demandam mudanças.

Ainda no primeiro capítulo, o autor reforça o quanto há de aprendizagens no cotidiano, naquilo que é rotineiro, e a potência que aí pode ser explorada, pois as crianças estão em estado de atividade e aprendizagem o tempo todo, basta os educadores estarem atentos a essas minúcias do cotidiano para promover situações em que se valorizem esses momentos. Ele também destaca que essa vida orgânica, dentro das instituições, precisa estar conectada com situações mais elaboradas de propostas de aprendizagem, pois a criança não fragmenta os seus saberes e precisa de garantias de continuidade e previsibilidade de ações. Isso leva o adulto a repensar sua prática na Educação Infantil, reposicionando o seu olhar e postura.

Sendo assim, se há intencionalidade educativa e aprendizagem nas situações das *microtransições*, é possível relacionar esses atributos com a ideia de currículo vivenciado no cotidiano pelos meninos e meninas, como se refere carinhosamente o autor. Essa abordagem é ilustrada ao final do primeiro capítulo e dos demais, com mini-histórias das experiências das crianças, registradas e documentadas pelos educadores envolvidos. Entendendo que nesse trabalho o professor não pode ter uma visão fragmentada sobre a jornada educativa, Fochi, buscou uma visão mais integrada para orientar o trabalho dos professores, denominados como Organizadores da ação pedagógica, tendo os seguintes indicadores como categorias de análise do trabalho: relação adulto e criança; o trabalho nos pequenos e no grande grupo; gestão de tempo; materiais; e espaço educativo, categorias que perpassam por cada capítulo da obra em questão.

O segundo capítulo, *Acolhidas e despedidas: intersecção entre as culturas da família e da escola*, escrito por Carolina Lopes Kussler, Fabiana Farenzena, Gilnéia Alencastro Cavalheiro, Silvana Menta e Paulo Fochi, é fruto de um processo iniciado pela Escola Espaço Girassol em 2018 e que teve continuidade. Eles optaram por olhar para as acolhidas e despedidas entendendo ser essa a *microtransição* que no momento mereceria maior atenção por parte dos adultos, pois estavam aí o desenvolvimento de competências importantes como regulação, autorregulação emocional dos meninos e meninas, assim como a oportunidade para construção de aprendizagens sobre conceitos de pertencimento, identidade, continuidade, entre outros. Os autores ressaltam o quanto, nesses momentos, ocorre o encontro de diferentes culturas que a criança vivencia ao sair do convívio familiar para integrar-se ao ambiente educacional. Eles destacam a importância de um olhar atento para essas transições, que, tradicionalmente, eram marcadas por ansiedade, pressa e automatização. Constatou-se que o planejamento intencional e antecipado dessas situações trouxe maior harmonia, proporcionando segurança tanto para as crianças quanto para suas famílias.

Com essa organização prévia, a sala foi organizada enquanto referência para a turma, de modo que as crianças tiveram autonomia na escolha de seus interesses, pois o educador conseguiu direcionar sua atenção para receber cada criança, enquanto as demais que já haviam entrado estavam envolvidas com suas descobertas e brincadeiras. Assim também ocorria no momento em que suas famílias chegavam para buscá-las ao final do período.

Ainda no segundo capítulo, Fochi menciona o trabalho com os *observáveis* como guias para nortear o olhar dos adultos na qualificação de ações pontuais que caminham para possibilitar mudanças.

O terceiro capítulo, *Olhares e caminhos que antecedem o momento da alimentação: microtransição e bem-estar*, escrito por Charlise Wilhelm, Greice Weber Romero Costa, Ivana Vidor Marques, Tatiane Thomazi e Vanessa Bremm Pauli, é iniciado com uma narrativa que evidencia o zelo e a atenção do educador ao convidar uma menina para o momento do almoço, convite individual, olho no olho, postura essa, fruto de muito estudo e reflexão sobre a atuação respeitosa de cada adulto envolvido na escola EMEI Aldo Pohlmann, instituição pública que optou pela *microtransição* envolvendo o momento de saída do quintal e ida para o almoço. A segunda escola, EEI Mimo de Gente, instituição particular, escolheu como *microtransição* o tempo de espera antes de ir para o almoço. Em ambas as escolas, esses momentos ocorriam de forma rotineira, automática, mecânica e naturalizada. Levantar *observáveis* para guiar o olhar dos adultos ajudou a perceber a necessidade de qualificar esses momentos, tornando-os mais prazerosos e tranquilos.

Na primeira escola mencionada, diversos momentos da rotina já haviam sido aprimorados, incluindo o encontro das turmas no parque. No entanto, a transição para o almoço ainda representava um desafio que, gradualmente e com muito estudo, foi sendo transformado de maneira orgânica, respeitando o ritmo das crianças e não apenas o dos adultos. Essa mudança também incluiu a reorganização do espaço para promover a autonomia das crianças durante as refeições. Foi necessária uma reposição dos adultos e reorganização rompendo estruturas rígidas de tempo e uso coletivo dos espaços.

Já na escola particular, optou-se por modificar a prática em uma única turma, servindo como um “piloto” para estudos e reflexões. Assim, observou-se o que as crianças faziam antes do almoço e como eram organizados os espaços por elas ocupados e,

partindo do pressuposto da participação ativa dos pequenos, notou-se que este seria o primeiro passo: descentralizar as ações do adulto e envolver as crianças no processo, como na organização do espaço para o descanso, trabalho este que uma educadora fazia enquanto a outra os entretinha.

Com os estudos e reflexões, a sala foi reformulada com espaços fixos para brincar e as crianças começaram a ser incentivadas a organizar o seu colchão, tudo em sintonia e com muito aprendizado, além de também participarem ativamente no momento da alimentação. Em ambas as escolas, aprenderam a priorizar a qualidade do cotidiano, respeitar o tempo das crianças, a importância da mudança da postura dos adultos e a ter como guia os *observáveis*.

No quarto capítulo, *A troca de fralda: uma experiência respeitosa entre adultos e crianças*, as autoras Alexandra Bitencourt, Luciane Frosi Piva e Luciane Varisco Focesi, da escola EMEI João de Barros, iniciam com uma questão guia: Como acontecem os processos de *microtransições* vividos ao longo da jornada das crianças no momento da higiene da troca de fraldas? E diante desse questionamento, puderam observar que as ações também ocorriam de forma mecânica, apressada, indelicada e, por vezes, desrespeitosa e em ambientes inadequados para essa ação tão íntima e singular. Esses pontos levantaram a necessidade de ressignificar e reposicionar o adulto, principalmente na constituição de vínculo com cada criança, pois é nesse momento de cuidados essenciais que a criança garante para si um tempo exclusivo de atenção pessoal, se o adulto estiver inteiro e presente. Sobre essa *microtransição*, Fochi (2023, p. 130) nos lembra que: “Trata-se de reconhecer que as práticas sociais não são banais, pois são ações que envolvem emoção, desejo, corpo, pensamento e linguagens. As relações entre adultos e crianças à luz da ética devem romper com práticas excessivamente adultocêntricas”.

Um dos pontos fundamentais nessa ação ocorreu por meio da interação entre as crianças pequenas e os adultos, chamados de “grandes” ou “gigantes”. Evidenciou-se a importância do toque e das palavras articuladas entre a professora e a criança, utilizando-se da metáfora “ações gigantes”, sendo essas: o convite, o toque, o contato visual, as palavras e a garantia do adulto referência para esses momentos de trocas e cuidados pessoais.

No último capítulo, *Grupos de aprendizagem: experiências, relações e construção do conhecimento*, escrito por Cristiane Hauschild, Juliana Gallina, Liliane Ceron e Rafaela Flores, da Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI Joaninha, os autores elegeram como observável, a *microtransição* do grande grupo de crianças para o pequeno grupo, facilitando a organização das crianças em momentos que se faz necessária uma ação pontual com um grupo específico, enquanto as demais permanecem com outro adulto na sala referência ou outro espaço da escola. Ao longo dos estudos, as autoras perceberam que esses pequenos grupos, durante as sessões, transformavam-se em espaços de aprendizagem e apoio mútuo, constituindo momentos privilegiados para a observação e a mediação do adulto. Por isso, tais momentos precisavam ser qualificados e organizados de forma intencional. Nesse percurso formativo, busca-se considerar a qualidade do tempo dedicado às crianças, assim como o bem-estar e o olhar sobre os espaços e materiais como aliados da ação educativa. Outro aspecto importante, é a dinâmica de reposicionamento do adulto, dando reais condições de protagonismo às crianças, acompanhando, ouvindo, observando e sustentando suas descobertas. Professora potente forma crianças potentes!

A obra é lindamente concluída com mini-histórias que retratam a potência de adultos que se permitiram transformar em prol das crianças, que, de forma cotidiana e natural, vivem e aprendem nas escolas da infância.

Cada página da obra em questão celebra como experiências cotidianas e toda sorte de interações das crianças com os adultos em creches e pré-escolas podem se constituir como grandes oportunidades de aprendizagens e descobertas, desde que planejadas intencionalmente. Assim, trata-se de um material altamente recomendável, porque amplia as possibilidades de qualificar a escuta das crianças, além de favorecer a reflexão dos(as) educadores (as) sobre sua prática.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FOCHI, P. *Vida cotidiana e microtransições: narrativas pedagógicas das escolas do observatório da cultura infantil – OBECI*. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023. ISBN 978-65-980068-3-9.

Palavras-chave: microtransições, jornada cotidiana, ações educativas.

DATA DE RECEBIMENTO: 21/09/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 20/11/2024

Elza Luiza Villalva Barbosa

Mestranda em Educação pela Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil. Graduada em Pedagogia pela Universidade Metodista, São Paulo, Brasil.

E-mail: elza.villalva@gmail.com

Nádia Conceição Lauriti

Doutora em Educação pela Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil. Mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil.

E-mail: uninovenadia@unig.pro.br